

**HISTÓRIA LITERÁRIA:
O OLHAR DE MARIA FIRMINA DOS REIS,
MULHER E AFRODESCENDENTE**

Cristina da Conceição Silva (UERJ/UCAM/UNIGRANRIO)
cristinavento24@yahoo.com.br

José Geraldo Rocha (UNIGRANRIO)
rochageraldo@hotmail.com

Patrícia Luisa Nogueira Rangel (UNIGRANRIO)
rangelluisa@ig.com.br

RESUMO

O presente artigo busca apresentar aspectos da literatura que tratam da história literária vista pelo olhar do dominado e não do dominador, descrevendo aspectos da historiografia literária brasileira e seus vácuos e omissões, que calaram muitas vezes ou quase todas, daqueles à margem do tecido social. Também será abordada a timidez que se apresentava as literaturas produzidas pelos afrodescendentes no período colonial, que muitas vezes se perdeu em prateleiras. Todavia, traremos as historiografias literárias brasileiras produzidas por afrodescendente nas últimas décadas, fato que tem ocorrido devido aos sujeitos sociais reivindicarem seus espaços em territórios antes relegados ao silêncio cânone culturais hegemônico. E neste contexto, trataremos da história de Maria Firmina dos Reis, uma afrodescendente do período oitocentista brasileiro, que em seus escritos literários abordou a história do negro através da sua própria etnia e não por uma literatura de discurso nacionalista, que dominava o Brasil do século XIX e XX.

Palavras-chave: Literatura. Afrodescendente. Maria Firmina dos Reis. História.

1. Introdução

O artigo em pauta visa apresentar discussões de como a literatura pode se apresentar no universo da leitura, da escrita e da palavra, como também ela pode se apresentar como a incorporação dos mitos e das histórias verdadeiras neste mundo das narrativas. Fatos e adventos que durante muito tempo, no contexto da história literária, foi abordada pela vi-

são do dominador. Impedindo que outros personagens da história brasileira, como grupos étnico-raciais e mulheres, tivessem vozes no contexto literário, evitando a propagação de seus escritos.

Como afirma Burke (1992), o acesso à verificação de novas fontes históricas, como as literárias, permite abranger diversas “vozes” dos excluídos da história, como as mulheres.

No Brasil, muitas foram as mulheres que escreveram no século XIX, fato comprovado em estudos recentes que têm se dedicado ao resgate das mesmas (basta atentarmos para o número de publicações que a Editora Mulheres tem feito na última década) (ROSA, 2010, p. 3)

E neste contexto da literatura dos excluídos no território brasileiro é que abordaremos sobre a autora Maria Firmina dos Reis, uma afro-brasileira do século XIX, que, em seu romance *Úrsula*, conta a história do dominado dando voz e vez aos mesmos.

Logo, pretendemos, através deste artigo, mostrar o resgate de uma literatura narrada por uma afro-brasileira, bem como uma produção artística longe dos olhos do dominador, como era comum no século XIX.

2. *A literatura e o mito*

De acordo com Moisés (1990), a literatura aponta sempre para o que falta no mundo e em nós, empreende em dizer as coisas como são faltantes ou como deveriam ser completas. Trágica ou epifânica e negativa ou positiva, o autor está sempre dizendo que o real não satisfaz. O horizonte da literatura é sempre o real, que se pretende representar em sua dolorosa condição de falta ou representar numa proposta alternativa de completude. Mas, por ser linguagem, a literatura nunca pode ser realista, uma vez que o chamado realismo nada mais é do que um conjunto de efeitos baseados em convenções, que variam historicamente.

Declara Moisés (1990) que, para pensar a relação da literatura com a verdade, vale a pena lembrar dos sentidos variáveis da palavra “mito”, que, para os povos primitivos, é a história verdadeira por excelência, e muitos desses povos nomeiam os relatos do cotidiano como “histórias falsas”. Todavia, ainda de acordo com o autor, na contemporaneidade, o mito se tornou um elemento puramente fantasmagórico e, portanto, mentiroso. Muito diferente de um sonho fantasioso, o mito é um sistema simbólico rigorosamente formalizado. Assim sendo, o caráter literário de buscar a verdade continua sendo o modo simbólico do mito.

Seguindo a descrição do mito, Dutra (2002) escreve que a literatura sempre incorporou os mitos para reescrevê-los e produzir novas significações. Justamente por isso, historiadores e teóricos da literatura se interessam, cada vez mais, pelos mitos. No entanto, encontra-se no mito a interseção entre história, cultura, costumes e ritos, fatos fundamentais para Walter Benjamin.

O autor aponta que, na relação entre história e literatura, a versão história sempre foi apresentada pela voz dominadora, enquanto a literatura representa a possibilidade de reescrita da história do ponto de vista do dominado, ou do dominador não satisfeito com a própria dominação. Segundo Dutra (2002), a versão histórica de Benjamin, do ponto de vista do dominado, é “melancólica”, ou seja, uma sensação seguida de isolamento, uma vez que a melancolia é assumida por um espírito capaz de reconhecer sua solidão. Segundo Benjamin, há dois conceitos (o de alegoria e o de símbolo), explicando que a literatura do símbolo está comprometida com a reprodução historiográfica oficial e a alegoria representa o reprimido e o não manifesto; portanto, o “outro” da história.

3. A historiografia literária étnica brasileira

Duarte (2008) relata que a historiografia literária brasileira apresenta vácuos e omissões que calam muitas vezes e, quase todas, daquelas à margem do tecido social. O autor escreve que, desde o período colonial, os trabalhos no campo das atividades artísticas produzidos por afro-brasileiros se fazem presentes. Porém, nem sempre obteve o devido reconhecimento.

No caso específico da literatura, esta sofre vários impedimentos para que não fosse divulgada. Começando pela própria materialização dos livros, que muitas não ficaram inéditas ou se perdeu nas prateleiras dos arquivos. Quando circulou foi de forma restrita e em pequenas edições. Em alguns casos, os vínculos autores e, mesmo textuais, com etnicidade africana ou com modos e condições de existência dos afro-brasileiros em função da política de branqueamento, que perpassa a trajetória desta população.

Neste contexto observa Neto (2008) que Nina Rodrigues foi o pioneiro ao escrever sobre as culturas africanas, todavia percebe-se, em seus escritos, que ele foi um grande propagador do racismo, uma vez que

com sua teoria craniana que aponta para inferioridade do negro, contribuindo assim, para um pensamento voltado para a teoria do branqueamento.

O autor observa que Manoel Bonfim foi um escritor que apontou para opressão das nações colonizadoras europeias, pioneiro em sua época, a não utilizar teorias racistas contra grupos étnico-raciais, tanto índios como negros. Entretanto, Capistrano de Abreu, segundo Vaifans (1999), reiterou estereótipos sobre negros e mestiços, relacionando os negros, como pessoas que com suas danças lascivas alegavam o cotidiano dos europeus e os mulatos como indóceis e rixentos.

Segundo Neto (2008), a historiografia brasileira do século XIX é de suma importância para compreensão das teorias racistas europeias, uma vez que a ideia de mestiçagem, do branqueamento racial, proposto por autores do século XIX e início do século XX, foram determinantes para a construção ideológica da democracia racial. Especialmente, na década de 1930, pelo autor Gilberto Freyre, que em suas literaturas “oculta” e naturaliza o racismo brasileiro, gerando tantas desigualdades e preconceitos sobre a figura do negro.

Aponta Duarte (2008) que o resultado de tais condicionamentos traduz a quase completa ausência de uma história ou mesmo de um corpus estabelecido e consolidado para a literatura afro-brasileira, tanto no passado quanto no presente, em virtude do baixo número de estudos e pesquisas, apesar dos esforços empreendidos nesta direção. Ainda segundo o autor, apesar dos fatores desfavoráveis, a historiografia literária brasileira, nas últimas décadas, vem passando por um processo de revisão que não está acontecendo de maneira espontânea, mas motivada pela emergência de novos sujeitos sociais, que reivindicam a incorporação de territórios, antes relegados ao silêncio do cânone cultural hegemônico.

Nos anos 80, alguns trabalhos acadêmicos surgem a partir da demanda do movimento negro e da fundação no Brasil, que se dedicam a resgatar às escritas dos afro-brasileiros.

4. *A literatura sobre o olhar afro-brasileiro de Maria Firmina dos Reis*

Declara Rosa (2010) que o modelo excludente de padrão tradicional acerca da América, após décadas, é uma fonte de vários questionamentos nos diversos campos de ideias históricas e literárias e, sobretudo, dos saberes constituídos. Inúmeras linhas de pensamento propõem uma

nova verificação das fontes para que grupos “excluídos” e “silenciados” desse processo possam ter voz e a história proporcione uma maior abrangência dos variados setores em estudo.

Especialmente no contexto brasileiro, é importante refletir sobre a evolução educacional no país e a inclusão da mulher e do negro neste processo, uma vez que várias pesquisas têm buscado novas fontes para o estudo de seu real posicionamento social e artístico na sociedade oitocentista, conforme Rosa (2010)

No que se refere à educação no Brasil, observa Rosa (2010) que muitos foram os personagens ético-raciais que se viram fora dos bancos escolares, sendo a maioria analfabeta. O fato de ser uma sociedade rural escravocrata não permitia que os governantes se inclinassem e minimizar este quadro de analfabetismo. Logo, o que se tinha como espaço reservado à educação eram as congregações e ordens religiosas, em que a maioria era destinada ao sexo masculino de etnia branca. Fato que deixava claro a exclusão de raça e sexo, causando a diversidade no contexto educacional, o acesso do negro neste espaço se dava em caráter excepcional. No que se refere ao sexo feminino na educação brasileira do século XIX, a exclusão era clara, pois as mesmas não eram incluídas na educação formal ou na vida cultural literária.

Ao longo da história, é percebido o número reduzido de mulheres e negros que tiveram acesso à educação formal, e menor ainda os que tiveram seus escritos acessados pelo público leitor. É no contexto de um pequeno grupo, que surge o romance *Úrsula*, escrito pela afrodescendente Maria Firmina dos Reis, em 1859, considerado o primeiro romance abolicionista brasileiro, e principalmente por uma mulher. De acordo com Rosa (2010), a escritora é uma das poucas afro-brasileiras com domínio da escrita, e complementa Mendes (2006) que ela era autodidata e seus conhecimentos foram adquiridos pelas suas leituras constantes.

Em 1847, Maria Firmina foi a única aprovada no concurso de professora primária na Vila de Guimarães, aposentando-se em 1881. Um ano antes de se aposentar, Maria Firmina dos Reis impressionou a sociedade em que viveu ao fundar uma escola mista, no Maranhão, algo inédito para a época, de acordo com Duarte (2004) e Martin (1988).

A educação de Maria Firmina transcendeu a formação das mulheres de seu tempo, o que pode ser confirmado nas narrativas dos muitos escritos, dando grande valor à reconstrução histórica do papel da mulher na sociedade do século XIX no Brasil.

Observa Rosa (2010) que a obra *Úrsula* é atraente sob diversos aspectos, dentre os quais a denúncia de injustiças praticadas livremente em uma sociedade autoritária e patriarcal, que, no Brasil, era percebido por alguns intelectuais e, sobretudo, pelas minorias mais afetadas, como o negro e a mulher.

Mendes (2006) comenta que Maria Firmina dos Reis, na tentativa de seguir os padrões literários da época, reproduziu estereótipos femininos que atendessem as perspectivas masculinas. No entanto, através dessas mulheres, surge uma transgressão do sistema patriarcal. A mãe de Tancredo é submissa e vítima do marido, representando o domínio masculino. No entanto, Reis usa a voz do jovem Tancredo para fazer um discurso de denúncia e crítica da relação hierárquica entre o homem e a mulher naquela época, em que a mulher era vista como ser inferior.

A representação da mulher, que é capaz de tudo em prol da sobrevivência, está na personagem Adelaide. Ela é apresentada como pessoa órfã, sofredora, por ter distante de si o seu amor; no entanto, passa a ser amante do pai do seu amor, simbolizando a luxúria, conforme Mendes (2006).

Luísa B... é a matriarca, que sofreu com seu irmão Fernando P... por ter casado com alguém que ele não aceitava por ser pobre, e pelo próprio marido que gastou sua fortuna com amantes, morrendo assassinado deixou muitas dívidas, compradas por seu irmão, e a deixando na miséria. Além disso, meses depois da morte do seu marido, fica paraplégica, tendo como alegria sua filha Úrsula.

Úrsula é a típica romântica, apresentada como donzela frágil e desamparada, disputada pelo mocinho Tancredo, e pelo vilão Fernando P..., seu tio, conforme Mendes (2006). Não há apelo sexual, mas uma ternura e carinho próprio do estilo da época. Úrsula é uma sofredora, seu marido morre assassinado por Fernando P..., antes da consumação do seu casamento, e, como consequência, enlouquece, outro tipo de sofrimento.

Luísa B... e Úrsula são perfis de mulheres que fugiam dos padrões sociais do século XIX, pois transgrediram a ordem patriarcal, ao não aceitarem as determinações do irmão e tio e ao morarem sozinhas, assumindo uma casa sem a presença de um homem.

O romance de Maria Firmina dos Reis apresenta-se em dissonância com os discursos nacionalistas de uma literatura comprometida com a construção de ideia de nação, tendo em vista que as personagens negras

da narrativa são conscientes quanto à sua condição e conhecedoras da própria cultura e do passado africano.

Na voz dos escravos – o jovem Túlio, velha Suzana e o Antero, a escritora mostra que ser escravo naquela época era uma condição de infelicidade, mas não os tornavam desumanos, pois apresentavam bondade, fidelidade e amizade, quebrando assim a ideologia de que negros eram mercadorias, logo não eram seres humanos com sentimentos. O jovem Túlio discursa sobre a liberdade, uma vez que ansiava muito, e dizia que apesar do corpo está preso, a mente não. Túlio também mostrou que poderia haver uma relação de amizade entre negros e brancos, através do jovem Tancredo.

A narrativa de *Úrsula* retoma, na voz da escrava Suzana, o processo de escravidão, desde o momento em que fora arrancada de sua terra natal. Para a escrava, a verdadeira liberdade não era a alforria, mas em suas origens, na África, ou com a morte, seu fim na trama.

A outra figura negra que aparece no texto é a do Pai Antero, que teve uma pequena participação, mas resgatou, através de suas recordações, uma particularidade da cultura africana, a diversão. Ele é apresentado como escravo saudosista de sua pátria e para suportar a infelicidade somente com o vício da tiquira. Além disso, traz referência também ao trabalho, em que Antero comenta que, na sua terra natal, trabalhava para se manterem e tinham uma vida boa, e nos fins de semana se divertiam.

Através de sua obra, Reis permite que os negros tenham voz e passem a ser agente de sua história. Não se trata de uma simples história, mas também um discurso ideológico, em que desconstrói um pensamento e afirma, nas entrelinhas, uma identidade a favor dos escravos. Firmina passa a mostrar um negro bom, generoso, empático, amigo, leal, com memória, ou seja, seres humanos.

Segundo alguns pesquisadores, Maria Firmina dos Reis foi escritora e musicista, escreveu poesias e crônicas. Seu livro *Úrsula* denuncia a condição das mulheres e do negro na sociedade do século XIX, evidenciando uma nova ótica no tratamento dado à questão de caracterização do africano sequestrado pelos colonizadores, em uma época de teorias de “ascendências raciais” e preconceito, como declara Rosa (2010).

5. *Considerações finais*

Considerando que os escritos literários nos levam os lugares nunca vistos e em tempos não vividos é que o artigo em pauta nos leva a refletir o quanto a literatura teve um papel importante para evidenciar fatos e adventos históricos. Neste contexto, até o olhar do dominador ao narrarem seus feitos, ambiente em que viviam, entre outros aspectos, nos leva a entender o homem em seu tempo histórico.

E é através da literatura, que podemos identificar este homem dominador e dominado na sociedade brasileira de séculos atrás. Através do escritor, mesmo seguindo padrões sociais e literários, nas entrelinhas ele pode revelar outro discurso, possibilitando análise e reflexão, tornando a literatura um recurso de divulgação de uma ideologia.

E neste momento, Maria Firmina dos reis, através de seu romance *Úrsula*, mostra a realidade do homem dominado em sociedade brasileira escravocrata e patriarcal do século XIX. A partir do momento que ela concede aos negros e mulheres a chance de falarem, cria-se uma nova história, contada pelo outro lado da moeda, de forma que desconstrói uma única verdade, mas se adquirem blocos de verdades, desestabilizando a linha divisória da história.

Maria Firmina dos Reis, primeira escritora brasileira e de literatura negra, em sua humilde obra, conforme ela classifica *Úrsula*, teve e ainda tem um papel importante na questão identitária de um povo, contribuindo com contextos históricos e sociais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BURKE, P. (Org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Edunesp, 1992.

DAMACENA NETO, Leandro Carvalho. A historiografia brasileira do século XIX e a questão racial. *Caderno de Resumos & Anais do 2º. Seminário Nacional de História da Historiografia Ouro Preto*. Ouro Preto: Edefop, 2008.

DUARTE, Eduardo de Assis. Maria Firmina e os primórdios da ficção afro-brasileira. In: _____. *Úrsula, a escrava*. Atualização do texto e posfácio de Eduardo de Assis Duarte. Florianópolis: Mulheres. 2004.

_____. *Literaturas e afrodescendência*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2008. Disponível em:

<<http://www.lettras.ufmg.br/literafro/data1/artigos/artigoeduardoafrodescendencias.pdf>>. Acesso em: 23-11-2011

DUTRA, Robson. Mito, histórias e ficção: munção e artefatos narrativos. In: _____. *O espelho refratário das águas, mito história de ficção em narrativas de Pepetela*. 2002. – Dissertação (Mestrado de Literatura Portuguesa). UFRJ, Rio de Janeiro.

MARTIN, Charles. Introdução. In: REIS, Maria Firmina dos. *Úrsula*. Rio de Janeiro: Presença, 1988.

MENDES, Algemira Macêdo. *Maria Firmina dos Reis e Amélia Beviláqua na história da literatura brasileira: Representação, imagens e memórias nos séculos XIX e XX*. 2006. – Tese (Doutorado em Teoria da Literatura). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. Disponível em: <<http://www.academicoo.com>>. Acesso em: 06-11-2012.

MOISÉS, Leyla Perrone. A criação do texto literário. In: _____. *Flores da escrivantina*. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.

ROSA, Soraia Ribeiro Cassimiro. *Um olhar sobre o romance Úrsula, de Maria Firmina dos Reis*. MG: UFMT, 2010. Disponível em:

<http://www.lettras.ufmg.br/literafro/data1/autores/102/mariafirminacritic_a05.pdf>.

VAINFAS, Ronaldo. Colonização, miscigenação e questão racial: notas sobre equívocos e tabus da historiografia brasileira. *Revista Tempo*. Agosto de 1999. Disponível em:

<http://www.historia.uff.br/tempo/artigos_dossie/artg8-1.pdf>.